

## Textos

### Bernardo de Claraval: Sermão sobre o conhecimento e a ignorância<sup>1</sup>

(Trad. e nota introd. Jean Lauand)

#### Bernardo e seu sermão (Nota Introdutória)

O *Sermão sobre o conhecimento e a ignorância* de Bernardo de Claraval (1090-1153) - sermão 36 sobre o Cântico dos Cânticos -, cuja tradução apresentamos aqui, é um texto importante para o estudioso da Educação e do Pensamento medievais. Nele vemos um dos grandes mestres do Ocidente cristão expor uma doutrina original sobre os temas do conhecimento e da ignorância.

Bernardo, místico, sempre teve na mais alta conta o livro do Cântico dos Cânticos, e comentou-o (até o versículo 3,1, somente) em 86 sermões, proferidos a partir de 1135. Mais do que um comentário literal, Bernardo expõe suas idéias fundamentais sobre a espiritualidade, a ascética e a mística (e, por vezes, sua Teologia dogmática). Os sermões 34 a 38 tratam da "ordem do conhecimento", comentando o versículo 1,7 do Cântico, que Bernardo lê assim: "Se não te conheces, ó mais bela das mulheres, sai para fora e segue o rastro das ovelhas, leva as cabras a pastar junto às tendas dos pastores".

Antes, porém, de comentarmos o sermão 36, situemo-lo brevemente no contexto da problemática medieval das relações entre fé e razão e no da própria obra de Bernardo.

#### O cristianismo e a filosofia pagã<sup>2</sup>

O cristianismo é uma religião e não uma filosofia; ao valer-se de certos termos filosóficos para expressar sua fé, os escritores sagrados faziam uma concessão a uma necessidade humana, mas substituíam o antigo significado filosófico desses termos por um sentido religioso novo.

O conceito grego de *Logos*, por exemplo, procede claramente da filosofia grega e helenística, mas quando João fala do *Logos* (ou Verbo), refere-se à pessoa completa de Jesus, objeto da fé cristã. João dirige-se aos filósofos para dizer-lhes que o que eles chamam de *Logos* era Ele; que o *Logos* se fez carne e habitou entre nós e - escândalo intolerável para espíritos em busca de uma explicação puramente especulativa do mundo - "nós o vimos" (Jo 1,14). Dizer que Cristo é o *Logos* não era uma afirmação filosófica, mas religiosa.

<sup>1</sup> Textos clássicos para discussão no "XIV Seminário Internacional Cemoroc: Filosofia e Educação - Religião e Cultura". São Paulo, 11-06-2013. Original latino em Itinera Electronica – Université Catholique de Louvain - [http://agoraclass.fltr.ucl.ac.be/concordances/bernard\\_ser\\_canti\\_36/texte.htm](http://agoraclass.fltr.ucl.ac.be/concordances/bernard_ser_canti_36/texte.htm) acesso em 20-01-13.

<sup>2</sup> Ao longo de quase todo este tópico seguimos, resumindo-a e traduzindo-a, a *Introdução* do clássico *La Philosophie au Moyen Âge*, de Gilson, Paris, Payot.

O fato, porém, de que a religião se tenha apropriado de um conceito filosófico de tal importância não deixa de ser um acontecimento decisivo: a própria revelação cristã, anteriormente a toda especulação teológica e filosófica, não só legitimava, mas impunha essas apropriações. Daí que dela tenham derivado uma reflexão teológica e filosófica.

Afirmar que, enquanto *Logos*, Cristo é Deus, que tudo foi feito por Ele, que Ele é a vida e a luz dos homens, é como lançar as bases não só de uma teologia do Verbo, mas também de uma metafísica das Ideias divinas e de uma noética da iluminação.

O mesmo se diga das epístolas de Paulo de Tarso (cidade aberta a influências gregas). Paulo conhece a *sabedoria* dos filósofos gregos, mas condena-a em nome de uma *Sabedoria* nova, que é "loucura para os gregos", a fé em Cristo: "Os judeus exigem sinais; os gregos buscam a sabedoria; nós, porém, pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus e estultícia para os gentios; mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens" (I Cor 1, 22-25). Deste duplo ataque, o que se dirige aos filósofos encontrará duradouro eco durante a Idade Média, tanto mais que Paulo o repete várias vezes (I Cor 1,21; 2, 5-8).

Paulo, no entanto, não condenava a razão. O conhecimento natural é subordinado à fé, não excluído. Pelo contrário, do mesmo Paulo é um texto a favor da razão que será constantemente citado na Idade Média (Rom 1, 19-21): os homens têm um conhecimento natural de Deus, suficiente para justificar Sua eterna severidade para com eles. "Pois o que se pode conhecer de Deus é manifesto entre eles, pois Deus o revelou. Com efeito, Sua realidade invisível - Seu eterno poder e Sua divindade – tornou-se inteligível, desde a criação do mundo, através das criaturas". Paulo, embora afirmando que os pagãos são inescusáveis, estabelece o seguinte princípio: a razão pode conhecer a Deus e diversos atributos seus, mediante a inteligência e a partir das criaturas.

Essa mesma tese já era afirmada explicitamente no livro da *Sabedoria* (12, 5-9), e Paulo impõe agora a todo pensador cristão o dever de admitir que a razão humana pode alcançar o conhecimento de Deus a partir do mundo exterior.

Na verdade, todo o pensamento medieval do Ocidente<sup>3</sup> esforçar-se-á por estabelecer os termos de relacionamento entre *fides* e *ratio*, entre fé e razão: ora enfatizando um dos extremos, ora o outro: do "racionalismo" dos "dialéticos" ao "fideísmo", passando por formulações altamente equilibradas e harmônicas, como a proposta por Alberto Magno-Tomás de Aquino.

Todas essas posições encontram apoio na Sagrada Escritura, mesmo as extremadas, desde que se tomem exclusivamente determinadas passagens, deixando as outras de lado. O próprio Bernardo, no capítulo II do sermão que ora apresentamos, encarrega-se de apresentar versículos bíblicos que parecem aprovar ou reprovar o saber humano.

### Bernardo de Claraval

É extremamente difícil caracterizar uma figura como Bernardo de Claraval - diz Pieper<sup>4</sup> -, porque reúne em si traços de personalidade que costumam ser antagônicos.

<sup>3</sup> *Mutatis mutandis*, o mesmo ocorre com o pensamento islâmico e judaico.

<sup>4</sup> No cap. V de seu excelente *Scholastik*, München, DTV, 2. Aufl., 1981, a que seguiremos, resumindo-o, neste tópico.

Filho de uma família nobre da Borgonha, nasceu em 1090 em Fontaines-lez-Dijon e foi educado como cavaleiro. Com pouco mais de 20 anos, entra no mosteiro de Cister, junto com quatro irmãos e vinte e cinco amigos; todos, sem exceção, nobres.

Cister tinha sido fundado dez anos antes para ser um mosteiro de "reforma", como um mosteiro que resgatasse o autêntico espírito monástico cristão, contra a tendência, sempre usual ao longo da história do cristianismo, à acomodação, à desvirtuação pelo relaxamento. Também se contrapunha a, por exemplo, um Cluny, que - comparado a seus ideais originais de reforma - estava se tornando, antes, um centro "humanístico".

O dinamismo de Bernardo é assombroso. Três anos depois de seu ingresso em Cister, com apenas 24 anos, portanto, é enviado para fundar e dirigir Claraval. Em menos de um quarto de século, sob seu impulso, fundam-se 80 novos mosteiros. Ao mesmo tempo, produz uma considerável obra escrita: teórica, homilética e mística. Mas, acima de tudo, Bernardo é um homem contemplativo, *quel contemplante*, como diz Dante (*Paraíso*, XXXII).

O risco que corre alguém com uma vida tão apaixonada e intensamente vivida é, como diz já sua primeira biografia, *nimia nimietas*, o desmedido excesso. Esta sentença é acertada em diversos sentidos: desde o excesso da impiedosa penitência que aplica a si mesmo, comprometendo sua saúde física, à veemência do zelo com que investe contra aqueles que (como Pedro Abelardo) considera nocivos ao Reino de Deus. É válida também - e principalmente - no que se refere à ação externa que, ultrapassando o plano espiritual, penetra no âmbito político. É do próprio Bernardo o reconhecimento de que ele era, "por assim dizer, a Quimera de seu século", "arrojado pelos abismos do mundo" (Epist. 250, c. 1250). E fazendo um balanço de sua vida<sup>5</sup>, escreve: "Não comprehendo o que fiz" (Epist. 306).

O título sob o qual Bernardo é citado, ocasionalmente, na História da Filosofia é "Luta contra a Dialética na Teologia", como se ele fosse um anti-intelectualista. Na verdade, porém, como se vê no *Sermão sobre o conhecimento e a ignorância*, Bernardo não se opõe por princípio à Filosofia. Neste sermão, Bernardo diz: "Conheço muito bem o inestimável serviço que os homens doutos têm prestado à Igreja: seja refutando os adversários dela, seja na instrução dos simples. Com efeito, o que li na Sagrada Escritura foi: 'Como rejeitaste o saber, também Eu te rejeitarei, para que não exerças Meu sacerdócio' (Os 4,6). E mais: 'Os doutos resplandecerão com o brilho do firmamento, e os que tiverem ensinado a muitos a justiça, brilharão como estrelas em perpétuo resplendor' (Dn 12,3). (...) Há quem busque o saber por si mesmo, conhecer por conhecer: é uma indigna curiosidade. Há quem busque o saber só para poder exibir-se: é uma indigna vaidade. Estes não escapam à mordaz sátira que diz: 'Teu saber nada é, se não há outro que saiba que sabes' (Persius, *Satyras* 1, 27). Há quem busque o saber para vendê-lo por dinheiro ou por honras: é um indigno tráfico. Mas há quem busque o saber para edificar, e isto é amor. E há quem busque o saber para se edificar, e isto é prudência'".

Por outro lado, porém, seu ideal não é o saber humano, mas o divino: "Esta é, para mim, a mais sublime Filosofia: conhecer a Jesus, e Jesus crucificado" (*In Cant. 43,4*). E ainda: "Que é, para mim, a Filosofia? Meus mestres são os Apóstolos... Eles me ensinaram a viver. Achas pouco isto: o saber viver?" (*Sermones*, PL 183, 407). Tais sentenças - que, aliás expressam bem o interesse de Bernardo - não devem ser tomadas como um alheamento religioso, mas sim, como um componente que, desde Sócrates e Platão, integra o filosofar.

---

<sup>5</sup> A luta contra Abelardo (é contra Abelardo e não contra a Filosofia que Bernardo investe); a pregação, que inflamou todo o Ocidente, para a Cruzada que acabou em uma tremenda catástrofe etc.

Torna-se claro, nessas passagens, que o apaixonado e verdadeiramente "filosófico" interesse de Bernardo aponta, em última instância, para a "realização" do homem, para a inteira consumação da existência em sua totalidade; a serviço desse interesse, estão todas as formas exteriores (e também a teologia e o filosofar). Precisamente daí decorre sua oposição aos "dialéticos" do porte de um Abelardo: pelo perigo de que a substância da verdade - de que deve se alimentar o coração do homem - seja eliminada e posta de lado pelo formalismo de um pensamento "correto".

No final de sua vida, quando o "ardor" - que, segundo Bernardo, deve penetrar o conhecimento - já quase consumiu sua vitalidade, Bernardo resumiu numa fórmula todo seu projeto de vida. Ela se encontra nos dois últimos sermões que proferiu sobre o *Cântico dos Cânticos* (*In Cant. 85 e 86*). São apenas três palavras: *anima quaerens Verbum*, a alma busca o Verbo. A estrutura desta fórmula evoca a anselmiana *fides quaerens intellectum*, mas, em vez de discussões conceituais sobre as relações teóricas entre fé e razão, encontramos em Bernardo termos mais vitais, mais próximos à existência concreta: *alma* e *Verbo*; a amorosa busca do Verbo divino pela alma. Mas o Verbo só pode ser encontrado no arroubamento (*extasis*) da contemplação mística que leva a "saborear o Verbo".

Acontece, porém - e Bernardo bem o sabe -, que o que ocorre na experiência mística "*ineffabile est*", não pode ser expresso pela linguagem humana...

### O sermão 36 e a pedagogia de Bernardo

Neste sermão, Bernardo tinha se proposto falar das duas ignorâncias: a ignorância de si mesmo e a ignorância de Deus: ambas, caminho de perdição. (Como se verá, o pregador só teve condições de desenvolver o primeiro tema).

Bernardo, hábil educador, dosa os ensinamentos de cada dia e sabe que a expectativa, a *ilusión*, como dizem os espanhóis, é um poderosíssimo aliado da Pedagogia, por isso, conclui o sermão anterior, anunciando o próximo tema, para que o público tenha tempo de ir antecipando: "Não se dê o caso de que eu faça a exposição com menos cuidado, ou que vós escuteis com menos atenção assunto de tal importância e que *não convém ouvir sem ardentes desejos*. Porque, se o alimento do corpo, ingerido sem apetite ou estando já o homem saciado, não só não é de proveito, mas até mesmo prejudica, quanto mais o pão da alma - se tomado com fastio - não só não é alimento para a consciência, mas atormenta-a. Disso nos livre o Esposo da Igreja, Jesus Cristo, Senhor Nossa que, como Deus, é sobre todas as coisas. Seja Ele bendito pelos séculos dos séculos. Amém."

Finalmente, chega o momento de ouvir o mestre falar das ignorâncias. Mas, quando o sermão (que Bernardo tinha planejado para que fosse um pouco mais longo do que o costumeiro) atinge a duração habitual, um curioso incidente impede o prosseguimento da exposição: alguns ouvintes manifestam cansaço. Inicialmente, de modo sutil, concordando de modo explícito com o óbvio: ante a pergunta, meramente retórica, do pregador: "E achas que podes alcançar a salvação sem temor de Deus e sem humildade?", o auditório realmente responde, murmurando: "Não, não!", como que, delicadamente, dizendo: "Já basta!".

Bernardo, após ironizar, ainda tenta prosseguir: "Fizestes bem de indicar-me o não absoluto de vosso juízo, ou antes, que não estais desprovidos de juízo. E nem vale a pena continuar falando sobre o óbvio. Mas, prestai atenção a um outro ponto... Ou será melhor parar por causa dos que já estão pestanejando?".

O pregador rende-se ante a evidência do cansaço: "Eu pretendia, em um só sermão, dar conta do que tinha prometido: falar da dupla ignorância e fá-lo-ia, se não me parecesse que este discurso já está demasiadamente longo para os que o acham cansativo".

E, de fato: "Vejo alguns bocejando e outros dormitando. E não é de admirar, pois a longuíssima vigília de oração que tivemos hoje os desculpa".

Bernardo, bom pedagogo e comprehensivo (embora não lhes poupe a aguda observação: "O que direi, porém, daqueles que dormem agora, mas dormiram também enquanto rezávamos os ofícios?"), sabe que o cansaço impede o proveito intelectual e espiritual e, humildemente, interrompe o sermão.

Afinal, para ele, a educação e os cuidados da alma encontram freqüentemente paralelo na medicina (da época). Já o vimos no final do sermão XXXV comparar o fastio da alma ao fastio da alimentação ("Porque, se o alimento do corpo, ingerido sem apetite..."). Também no Sermão 36, são abundantes as comparações médicas, pois a alma está sujeita a leis tanto quanto o corpo. No cap. IV, fala da indigestão da alma; da memória, como estômago da alma; do amor, fogo que cozinha os alimentos, que são os conhecimentos, etc.

Tanto a alma como o corpo requerem ordem, modo e medida. Na mais difundida "Enciclopédia" medieval, as *Etimologias* de S. Isidoro de Sevilha, o livro IV, "Sobre a Medicina", começa indicando que precisamente a palavra "Medicina" deriva de *modo*, isto é harmonia (*temperamentum*)".

### A pedagogia do conhecimento de si

Se o interesse de Bernardo é "saber viver" (de acordo com a "a mais sublime Filosofia: conhecer a Jesus, e Jesus crucificado"), a Pedagogia deve ensinar essa arte de viver. O primeiro passo, neste caminho, é precisamente o conhecimento de si mesmo que, se é reto, é fruto e pressuposto da verdadeira humildade, "virtude pela qual o homem se conhece a si mesmo verdadeiríssimamente" (*De gradibus humilitatis et superbiae*, c. I). E, para encontrar a Deus, é necessário antes de mais nada esse conhecimento de si mesmo: "Para nós, o primeiro conhecimento deve ser o do que somos; pela utilidade, porque um tal conhecimento não incha, mas humilha e serve de fundação para a edificação. Pois o edifício espiritual que não tem seu fundamento na humildade não se aguenta em pé" (cap. V).

A humildade é, pois, o reconhecimento da fraqueza da condição humana e da própria fraqueza pessoal: "Como não se humilhará (a alma) neste verdadeiro conhecimento de si, ao ver-se (...) envolta em mil pavores, angustiada ante mil dificuldades, sufocada ante mil dúvidas, indigente de mil necessidades, inclinada ao vício, impotente para as virtudes?" (cap. V). A partir dessa descoberta, pode-se iniciar o caminho da união mística com Deus.

No dia seguinte, sermão 37, Bernardo retoma o tema interrompido (todos os ouvintes estão agora muito atentos): a humildade não tem nada que ver com pusilanimidade, nem com o menosprezo das letras e ciências, mas é o oposto da soberba, que desconhece a si mesmo e a Deus. "Pois, se a ciência, por grande que seja, for precedida desse duplo conhecimento, não nos inchará".

Como dirá um século depois, Tomás de Aquino - que aprofundou, como ninguém, na compreensão dessa virtude e cujos ensinamentos são de extrema validade para o homem de hoje - a verdadeira humildade cristã, pela qual o homem se conhece retamente diante de Deus e se tem pelo que realmente é (II-II, 161, 6, c) - faz-se acompanhar da magnanimidade (II-II, 162, 1 ad 3), da grandeza de alma, que empreende o que é grande. Tanto a humildade, como seu contrário, a soberba, são primariamente atitudes interiores do homem diante de Deus (que, evidentemente, não deixam de ter uma face voltada para o relacionamento com os outros). Nisso, como em tantos outros pontos da doutrina cristã, não há uniformidade e a verdadeira

humildade não tem porque manifestar-se num comportamento externo acabrunhado e auto-depreciativo.

## Sermão sobre o conhecimento e a ignorância (sermão 36 sobre o Cântico dos Cânticos)

Bernardo de Claraval

**O conhecimento das letras é bom para a instrução, mas o conhecimento da própria fraqueza é mais útil para a salvação<sup>6</sup>.**

### I

Aqui estou para cumprir o que vos prometi; aqui estou para satisfazer vosso desejo; aqui estou, também, obrigado pela dívida que tenho para com Deus, a Quem sirvo.

Como vedes, três são as razões que me impelem a pregar: o compromisso assumido, o amor fraterno e o temor a Deus.

Se me abstivesse de falar, pela minha boca condenar-me-ia. Mas o que acontece se eu falar? Também neste caso, corro o mesmo risco, o de ser condenado pela minha própria boca: por pregar e não praticar o que prego. Ajudai-me, pois, com vossas orações, para que eu possa sempre falar o que é necessário e, com minha conduta, praticar o que prego.

Tinha vos anunciado o tema do sermão de hoje: a ignorância, ou melhor, as ignorâncias, porque, como lembrais, há duas ignorâncias: a de nós próprios e a de Deus. E vos aconselhava a evitar uma e outra, pois ambas são perdição.

Hoje, procuraremos esclarecer melhor esse assunto. Antes, porém, discutiremos se toda ignorância é condenável. Parece-me que não, pois nem toda ignorância produz perdição: há muitas e mesmo inúmeras coisas que se podem ignorar sem problema algum para a salvação.

Se alguém, por exemplo, desconhece artes mecânicas, como a carpintaria, a arte de edificação e outras que são exercidas para a utilidade da vida neste mundo, acaso tal ignorância constitui obstáculo para a salvação?

Também são muitos os que se salvaram e agradaram a Deus pela sua conduta e com seus atos sem as artes liberais (e, certamente, são úteis e moralmente bons esses estudos). Quantos não enumera a *Epístola aos Hebreus* (cap. XI), que se tornaram agradáveis a Deus não com erudição, "mas com consciência pura e fé sincera" (I Tim 1,5)<sup>7</sup>. E agradaram a Deus com os méritos de sua vida e não com os de seu saber. Cristo não foi buscar Pedro, André, os filhos de Zebedeu e todos os outros discípulos, entre filósofos; nem em escola de retórica e, no entanto, valeu-se deles para realizar a salvação na terra.

Não é porque fossem mais sábios do que todos os homens - como diz de si mesmo o *Eclesiastes* (1, 16) -, mas, por causa de sua fé e de sua benignidade, o Senhor

---

<sup>6</sup> A palavra latina *salus* significa tanto *saúde* como *salvação*; acumulação semântica especialmente incômoda para o tradutor, pois Bernardo freqüentemente compara a saúde da vida presente à salvação eterna...

<sup>7</sup> Migne erradamente anota Hbr 11.

os salvou e fez deles santos e mestres. Pois os Apóstolos mostraram ao mundo o caminho da vida, não com sublimidade de discurso, nem com palavras eloquientes de sabedoria humana, mas pelo modo como aprouve a Deus: pela estultícia de sua pregação, aprouve a Deus salvar os que crêem, porquanto o mundo com sua sabedoria não O conheceu (I Cor 2, 1; 1, 17-21).

## II

Posso estar dando a impressão de querer lançar em descrédito o saber, de repreender os doutos, de proibir o estudo das letras. Longe de mim, tal atitude! Conheço muito bem o inestimável serviço que os homens doutos têm prestado à Igreja: seja refutando os adversários dela, seja na instrução dos simples.

Com efeito, o que li na Sagrada Escritura foi: "Como rejeitaste o saber, também Eu te rejeitarei, para que não exerças Meu sacerdócio" (Os 4, 6). E mais: "Os doutos resplandecerão com o brilho do firmamento, e os que tiverem ensinado a muitos a justiça, brilharão como estrelas em perpétuo resplendor" (Dn 12, 3).

Mas, por outro lado, li também: "O saber incha" (I Cor 8, 1)<sup>8</sup>.

E, finalmente: "No acúmulo de saber, acumula-se a dor" (Ecl 1, 18).

Vede que há saberes e saberes: há um saber que produz o inchaço e há um saber que contrista. Quero que sejais capazes de distinguir qual deles é útil e necessário para a salvação: o que incha ou o que dói? E não duvido que prefiras o que aflige ao que incha, porque, se a saúde pela inchação é aparentada, pela aflição é procurada<sup>9</sup>.

Ora, quem procura, acaba encontrando, pois "quem pede, recebe" (Lc 11,10). E é certo que Aquele que cura os que têm o coração contrito abomina o inchaço dos orgulhosos, pois a Sabedoria diz: "Deus resiste aos soberbos e dá Sua graça aos humildes" (Tg 4,6)<sup>10</sup>. E o Apóstolo diz: "Exorto-vos, em virtude do ministério que pela graça me foi dado, a não pretender saber mais do que convém, mas saber com sobriedade" (Rom 12,3).

O Apóstolo não proíbe saber, mas sim saber mais do que convém. E o que é saber com sobriedade? É cuidar de aplicar-se prioritariamente ao que mais interessa saber, pois o tempo é breve<sup>11</sup>. Ora, ainda que todo saber, desde que submetido à verdade, seja bom, tu, que buscas com temor e tremor<sup>12</sup> a salvação e a buscas apressadamente, dada a brevidade do tempo, deves aplicar-te a saber, antes e acima de tudo, o que conduz mais diretamente à salvação.

Acaso não dizem os médicos do corpo que parte da medicina é precisamente determinar a ordem dos alimentos: qual deve ser ingerido antes, qual depois e o modo de os ingerir? Ora, mesmo sendo bons os alimentos que Deus criou, tu os tornas

<sup>8</sup> *Scientia inflat* diz o Apóstolo. Ao longo de todo o texto, estamos traduzindo a palavra *scientia* por *saber*, pois nosso termo *ciência*, mais do que um conhecimento pessoal, indica o saber objetivo: o das diversas ciências. E Bernardo fala do saber (*scientia*) como algo subjetivo, o saber de cada um. Traduzimos *inflat* por incha, que também dá a idéia do vazio da vaidade e, além disso, ajusta-se à comparação que Bernardo estabelecerá entre o inchaço do saber e o inchaço do corpo.

<sup>9</sup> Procuramos manter algo da rima e do ritmo destas últimas palavras: Bernardo, como Agostinho, destaca momentos importantes do sermão, marcando-os com jogos de palavras, no caso: ...*sanitatem, quam tumor simulat, dolor postulat*.

<sup>10</sup> E também I Pe 5, 5 e Pr 3, 34.

<sup>11</sup> *Tempus enim breve est* é ICor 7,29.

<sup>12</sup> Esta expressão "temor e tremor" aparece em II Cor 7,15 e Fil 2,12.

nocivos se não observas o modo e a ordem ao ingeri-los. Aplica, pois, aos saberes, o que dissemos dos alimentos.

### III

Mas o melhor é encaminhar-vos ao Mestre. Não é nossa esta sentença, mas dEle; ou antes, é nossa porque a aprendemos dAquele que é a Verdade. E diz: "Se alguém pensa que sabe alguma coisa, ainda não sabe como deveria saber" (ICor 8,2).

Vede como não é aprovado o saber muitas coisas se se ignora o modo de saber. Vede como o fruto e a utilidade do saber consiste no modo de saber.

Mas o que é este modo de saber? O que, senão saber segundo a ordem, o amor e o fim devidos?

Segundo a ordem, isto é, priorizando o que é mais necessário para a salvação; segundo o amor<sup>13</sup>, isto é, voltando-nos mais ardenteamente para o que mais nos impele a amar; segundo o fim: não por vaidade ou curiosidade ou objetivos semelhantes, mas somente pela tua própria edificação e pela de teu próximo.

Há quem busque o saber por si mesmo, conhecer por conhecer: é uma indigna curiosidade.

Há quem busque o saber só para poder exibir-se: é uma indigna vaidade. Estes não escapam à mordaz sátira que diz: "Teu saber nada é, se não há outro que saiba que sabes" (Persius, *Satyra* 1, 27).

Há quem busque o saber para vendê-lo por dinheiro ou por honras: é um indigno tráfico.

Mas há quem busque o saber para edificar, e isto é amor. E há quem busque o saber para se edificar, e isto é prudência.

### IV

De todos estes que buscam o conhecimento, só os dois últimos não incorrem em abuso do saber, já que o buscam para praticar o bem. Deles é que fala o salmo: "O saber é bom para quem o põe em prática" (Sl 111, 10). Os demais devem ouvir a Escritura: "Quem conhece o bem e não o pratica, comete pecado" (Tg 4, 17).

É como se, numa comparação, disséssemos: tomar alimento e não digeri-lo faz mal. Um alimento indigesto, mal cozinhado, produz maus humores e, em vez de nutrir o corpo, corrompe-o. Assim também pode dar-se o caso de o estômago da alma, que é a memória, ingerir muitos conhecimentos que não foram cozinhados pelo fogo do amor e nem passaram para ser elaborados pelo aparelho digestivo da alma (no caso, os atos e costumes), a fim de que a alma se torne boa pelo bom conhecimento (o que pode ser atestado pela vida e pelos costumes). E acaso um tal saber indigesto não deve ser considerado pecado, tal como um alimento que se transforma em humores maus e nocivos? E os maus humores do corpo não equivalem aos maus costumes da alma? E não virá a sofrer de inchaços e cólicas de consciência quem conhece o bem e não o pratica?

---

<sup>13</sup> *Studio*, no original. Como se sabe, a palavra latina *studium* significa também diligência, amor que move a agir.

Acaso não se lhe aplicará a sentença de morte e condenação, toda vez que lhe vier à mente a palavra de Deus: "O servo, que conhece a vontade de seu senhor e não a pratica, torna-se digno de muitos açoites" (Lc 12,47) ?

E não será em nome desta alma, o pranto do profeta (Jer 4,19): "Doem-me as entranhas, doem-me as entranhas"? Gemidos geminados<sup>14</sup> que - salvo outra interpretação - apontam para o que dizíamos: o profeta fala de si mesmo, pois estava pleno de saber, inflamado de amor e, desejando intensamente transmitir esse saber, não encontrou quem se interessasse por ouvir e teve de arcar sozinho com o peso de um saber que não pôde comunicar. Chorou, pois, o zeloso doutor da Igreja, tanto por aqueles que menosprezam a busca do saber que dirige o bem viver, como pelos que, embora sabendo, no entanto, vivem mal. E, por isso, o profeta repete seu lamento.

## V

Compreendes agora quão verdadeira é a sentença do Apóstolo: "O saber incha"? Por isso, convém que a alma antes se conheça a si mesma, coisa que é requerida pela ordem e pela utilidade.

Pela ordem, porque, para nós, o primeiro conhecimento deve ser o do que somos; pela utilidade, porque tal conhecimento não incha, mas humilha e serve de fundação para a edificação. Pois o edifício espiritual que não tem seu fundamento na humildade, não se aguenta em pé.

E para aprender a humildade, a alma não encontra nada mais convincente do que descobrir-se a si mesma na verdade. Deve-se, portanto, evitar a dissimulação, o auto-engano doloso, deve o homem encarar-se de frente, evitando fugir de si mesmo.

Pois, defrontando-se a alma com a límpida luz da verdade, encontrar-se-á muito diferente do que julgava ser e, suspirando em sua miséria - uma miséria que já não pode esconder porque é verdadeira e manifesta -, clamará com o salmista ao Senhor: "Em Tua verdade me humilhaste" (Sl 119, 75). Como não se humilhará neste verdadeiro conhecimento de si, ao dar-se conta da carga de seus pecados, sob o peso deste corpo mortal, ao ver-se imersa em preocupações terrenas, infectada pelos desejos carnais, cega, curvada, fraca, envolta em mil pavores, angustiada ante mil dificuldades, sufocada ante mil dúvidas, indigente de mil necessidades, inclinada ao vício, impotente para as virtudes?

Onde está agora o olhar arrogante? Onde, a cabeça orgulhosamente erguida? Não será ela ainda mais arremessada em sua desolação, trespassada por espinhos? (Sl 32, 4). Que ela - diz o salmista - derrame lágrimas, que chore e gema, que se volte para o Senhor e clame em sua humildade: "Cura, Senhor, minha alma, pois pequei contra Ti" (Sl 41,5). Se ela se voltar para o Senhor, encontrará consolo, pois Ele é o Pai das misericórdias e o Deus de toda consolação.

## VI

Eu, quando olho para mim mesmo, fico imerso em amargura; logo, porém, que alço a vista para o auxílio da misericórdia divina, suaviza-se meu amargor com a

---

<sup>14</sup> Bernardo interpreta alegoricamente (!) a repetição do lamento do profeta e marca esta passagem por mais um jogo de palavras: *ingeminatio geminum*.

alegria da visão de Deus e Lhe digo: "Minha alma está conturbada interiormente, por isso me lembro de Ti" (Sl 42,7).

Basta um pouco de conhecimento de Deus para experimentar que Ele é piedoso e solícito, pois, na verdade, Ele é um Deus de bondade e misericórdia, que perdoa a maldade (Joel 2,13); Sua natureza é a bondade e é próprio dEle perdoar e ter misericórdia sempre.

Deus se dá a conhecer nesta experiência e desta maneira salutar, a partir do momento em que o homem se reconheça indigente e clame ao Senhor; e Ele o ouvirá e dir-lhe-á: "Eu te libertarei e tu Me glorificarás" (Sl 50,15).

Assim, o conhecimento próprio é um passo para o conhecimento de Deus. Vê-LO-ás em Sua imagem, que em ti se forma, na medida em que tu, desarmado pela humildade, com confiança, irás refletindo a glória do Senhor e, levado pelo Espírito de Deus, de claridade em claridade, irás te transformando nessa imagem.

## VII

Reparai, pois, como ambos conhecimentos são necessários para a salvação, de tal modo que não pode faltar nenhum dos dois. Pois, se desconheces a ti mesmo, não terás temor de Deus em ti, nem humildade. Por acaso pensas que podes alcançar a salvação sem temor de Deus e sem humildade?

(Neste momento, o auditório murmura: "Não, não!").

Fizestes bem de indicar-me o "não" absoluto de vosso juízo, ou antes, que não estais desprovidos de juízo... Nem vale a pena continuar falando sobre o óbvio.

Mas, prestai atenção a um outro ponto...

Ou será melhor parar, por causa dos que já estão pestanejando? Eu pretendia, em um só sermão, dar conta do que tinha prometido: falar da dupla ignorância, e fá-lo-ia se não me parecesse que este discurso já está demasiadamente longo para os que o acham cansativo. E vejo alguns bocejando e outros dormitando. E não é de admirar, pois a longuissima vigília de oração que tivemos hoje os desculpa.

O que direi, porém, daqueles que dormem agora, mas dormiram também enquanto rezávamos os ofícios? Não quero, porém, levar isto adiante e envergonhá-los, baste ter mencionado o fato... Penso que de hoje em diante cuidarão de estar atentos, advertidos que foram pela nossa correção.

Com esta esperança e em atenção a eles, em vez de continuar, partamos, suspendendo por clemência o discurso, e dêmos-lhe fim, embora não tenha atingido seu fim. Eles, por sua vez, tendo sido objeto de nossa compreensão, associem-se a nós em glorificar o Esposo da Igreja, Nosso Senhor Jesus Cristo, que está acima de todas as coisas, Deus bendito pelos séculos. Amém.

Recebido para publicação em 09-02-13; aceito em 10-03-13